

A dimensão educativa de um museu de ciência sob enfoque dos conceitos de identidade e papel organizacional

Msc. Mariana de Queiroz Bertelli
Centro de Pesquisas René Rachou, Fiocruz Minas
marybertelli@terra.com.br

Dra. Silvania Sousa do Nascimento
Faculdade de Educação-UFMG
silnascimento@ufmg.br

Eixo Temático: Museografia e Museus e Centros de Ciências - Categoria: Trabalho Acadêmico
Palavras chave: Museu de Ciência, Relação Museu-Escola, Identidade Organizacional

1. Introdução

Em todo o mundo, o público escolar representa um dos principais públicos dos museus. No Brasil, estima-se que esse seja entre 50% e 90% do público dos museus do país, dependendo da instituição (KÖPTCKE, 2001/2002).

Escola e museu são lugares educativos e de estratégias educativas. Possuem objetivos comuns como educar, facilitar o acesso à cultura, socializar, favorecer a prática da cidadania, formar indivíduos críticos, criativos e autônomos (CABRAL, 2005).

Tradicionalmente, no país, a escola interage com os espaços museológicos por meio de visitas esporádicas, não sistemáticas (SIMAN, 2004), utilizando o museu para comprovar, ilustrar ou complementar aspectos envolvidos com os conteúdos trabalhados em sala de aula (PEREIRA et al., 2007). De forma recíproca, muitos museus acabam por assumir um caráter educativo complementar à escola (LOPES, 1991).

Van-Praët e Poucet (1992), ao estudarem os obstáculos enfrentados nos projetos de colaboração entre as escolas e os museus, afirmam que diante da cultura escolar de privilegiar a avaliação de performance dos alunos, os museus minimizam seus objetivos de sensibilização e prazer:

[...] Certa propensão existe de fato, dentro dos serviços educativos dos museus, de reproduzir, equivocadamente, a escola no museu. Trata-se tanto da tendência de apoiar os temas das exposições nos programas escolares, quanto transformar certos espaços expositivos em sala de aula, alguns protocolos de visitas em páginas de leitura ou substituir um mediador pelo professor [...] (VAN-PRAËT; POU CET, 1992, p. 2).

Além dessa relação de complementaridade, museu e escola podem assumir também uma postura de parceiros na ação educativa, que se baseia em partilha de percepções, de aprendizagens, de demandas (PEREIRA et al., 2007). Para Cabral (2005), a parceria contempla a noção de que existem objetivos comuns entre as duas instituições, mas que a identidade de cada parceiro deve ser preservada. Köptcke (2003) considera, ainda, que a idéia de “parceria educativa” diz respeito à partilha do poder de formar e educar, em que as responsabilidades são compartilhadas.

Tomando como ponto de partida as possibilidades de relação entre museu e escola, o presente trabalho procurou investigar a forma como essa relação apresenta-se institucionalizada no âmbito das políticas educacionais de um museu de ciência. As políticas pesquisadas compreenderam aspectos norteadores das propostas educativas do museu exclusivamente direcionadas ao público escolar.

2. Referencial teórico-metodológico

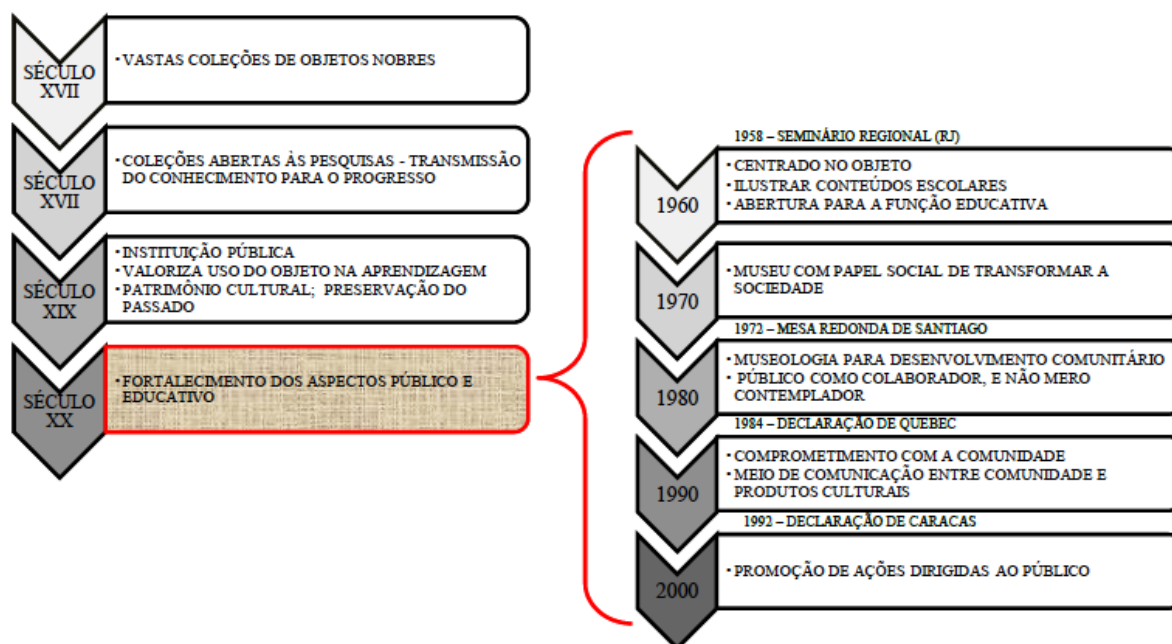
Estudos sobre museus e estudos organizacionais fundamentaram este trabalho. Os conceitos de identidade organizacional e institucional foram aplicados ao contexto museal de forma a enriquecer o debate sobre a atuação do museu perante as visitas escolares. O processo de coleta de informações compreendeu a pesquisa documental e a entrevista semi-estruturada. O método da Análise de Conteúdo Temática foi utilizado para analisar os documentos do museu e uma entrevista realizada com a coordenação do mesmo. Os conceitos de *instituição* e *organização* fundamentaram a análise de dados.

2.1 Estudos sobre museus

O museu é uma instituição dinâmica, que tem buscado, ao longo de sua existência, encontrar seu papel na sociedade. Na Figura 1, são destacados os papéis assumidos por essa instituição cultural ao longo dos anos. De espaços de contemplação, constituídos de vastas coleções de objetos até o século XVII, passaram, no século XIX, a espaços de saber, de progresso do conhecimento e das artes, acompanhando esforços de modernização da sociedade. Assim, até o século XIX, o museu é uma instituição de caráter privado, tipicamente centrada na coleção e no colecionismo. Já na segunda metade do século XX, há um fortalecimento da instituição cultural pública e um destaque no objeto e em seu papel educativo (NASCIMENTO, 2005).

De acordo com Maria Esther Valente (2008), o caminho percorrido pelo museu vai do papel de referência limitado aos especialistas a um desempenho social mais alargado, que culminou em sua abertura ao grande público e na diversificação de suas funções a partir de mudanças processadas na museologia. A centralidade das coleções, primeira razão de ser do museu, foi dando lugar à promoção de ações dirigidas a todos os indivíduos, sem distinção.

Figura 1: O museu ao longo do tempo



Segundo Fernández (1993), mudanças ocorridas nas últimas décadas culminaram na abertura do museu ao público, provocando alterações na sua imagem e a redefinição de suas funções, como, por exemplo, uma intensificação na relação com o público e uma mudança no conceito de museu de *conservatório de objetos* para *centro difusor e comunicador*. Observa-se, entretanto, que há funções museais que se mantêm ao longo do tempo, e que Fernández (1993) denomina como *funções convencionais* dos museus. São elas: colecionar; identificar; documentar; investigar; preservar e conservar; exibir e, por fim, e educar.

Cada organização museal pode assumir ou enfatizar, em momentos distintos, certas funções, mas, de acordo com Mário Chagas (1994), o museu ainda apresenta funções básicas que permanecem como seu princípio de identidade: a preservação, a investigação e a comunicação. “O equilíbrio ou o desequilíbrio entre estas três funções resulta da orientação filosófica e política adotada pela instituição museal” (CHAGAS, 1994, p. 58).

Apesar de Chagas (1994) trazer a questão da identidade do museu vinculada a funções mais ou menos assumidas em cada organização, a literatura sobre museu pouco tem explorado o tema da identidade. Alguns trabalhos apontam que há uma necessidade de o museu “preservar uma identidade” (VALENTE, 2003, p. 42); que há uma “busca crescente por identidades que identifiquem as especificidades das instituições” (VALENTE, 2008, p. 25) e que “os museus são mais do que complementos da escola, pois possuem uma identidade própria” (MARANDINO, 2001, p. 97). Percebe-se que, embora o museu seja concebido como uma instituição que apresenta identidade própria, essas identidades não têm sido aprofundadas ou discutidas. Assim, este trabalho busca ampliar a discussão sobre identidades institucionais e organizacionais e inserir o museu nesse debate.

2.2 Estudos organizacionais

O uso de conceitos utilizados nos estudos organizacionais permitiu conferir à instituição museal status de sujeito/ator (GIOIA, 1998; CORLEY et al., 2006; WHETTEN; MACKEY, 2002) e, assim, foi possível analisar a atuação institucional do museu na relação com o público escolar.

A consulta aos termos organização e instituição em dicionário obtém como resultado a sinonímia entre as palavras (HOUAISS; VILLAR, 2007). Entretanto, organizações e instituições “são coisas semelhantes, mas diferentes” (DELSASSO, 2006).

De acordo com Chauí (2003),

Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada de acordo com sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular (...). Por ser uma administração, é regida pelas idéias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito. (...) A organização sabe que sua eficácia e seu sucesso dependem de sua particularidade (CHAUÍ, 2003, p.6).

A organização apresenta, portanto, uma dimensão particular e uma ordem estrutural própria, com finalidade de produção. São exemplos de organização: *um* hospital, *uma* empresa, *uma* universidade (CARDOSO, 2006), *um* museu.

A instituição, de forma distinta, aspira à universalidade e, dessa forma, tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa (CHAUÍ, 2003). Sua finalidade é de existência, e não de produção (GARAY, 1998). A instituição define padrões de comportamento, práticas ou processos que se mantêm estáveis, válidos e relativamente constantes em um determinado grupo social (DELSASSO, 2007).

A instituição apresenta, desse modo, uma dimensão mais ampla e universal em relação à organização. Nesse sentido, pode-se exemplificar como instituições: *os* hospitais, *as* empresas, *as* universidades, *os* museus.

A partir da apropriação desses conceitos, foi possível consolidar a idéia de que uma organização (nesse caso, um museu específico) toma como referência os aspectos mais amplos da instituição a qual pertence (nesse caso, a instituição Museu). A identidade organizacional refere-se, portanto, a aspectos identitários particulares de uma determinada organização que tem como referência os aspectos identitários mais amplos da instituição.

O mesmo pode ser aferido para o papel¹ de uma organização. Os papéis assumidos por uma organização tomam como referência o universo mais amplo de papéis assumidos pela instituição a qual a organização de refere.

2.3 Método

O processo de coleta de informações compreendeu a pesquisa documental e a entrevista semi-estruturada. Os elementos textuais foram analisados a partir do método da Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2009). A unidade de registro *museu* foi combinada a duas perguntas que orientaram o recorte das informações coletadas.

1. “Nesta frase (ou turno de fala), quem é o museu?” – em que foi possível encontrar identidades do museu pesquisado e identidades referentes à instituição museal.

2. “Nesta frase (ou turno de fala), qual é o papel atribuído ao museu? - em que foi possível encontrar papéis assumidos pelo museu pesquisado e papéis conferidos à instituição museal de forma mais ampla.

3. Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados em diagramas que indicam os dados obtidos para os contextos organizacional e institucional. As intercessões nos diagramas representam, por sua vez, aspectos que são compartilhados entre esses dois contextos.

O Diagrama 1 apresenta as identidades institucional e organizacional encontradas para o museu pesquisado. As identidades presentes nos documentos do museu que são compartilhadas entre organização e instituição remetem à valorização do caráter público e educativo do museu. Duas identidades parecem demarcar distinções entre escola e museu no sentido de reforçar a identidade educativa museal. A identidade *espaço com normas e organização própria* aparece no sentido de enfatizar as peculiaridades das formas de normatizar e organizar as ações educativas e a identidade *espaço de dinamismo, diversidade, múltiplas linguagens e disciplinas* destaca como o museu se permite mudar, experimentar, flexibilizar, incorporar novos elementos na sua prática, o que o diferencia no sentido de que o museu (seja a instituição ou as organizações) ainda busca por seu papel educativo, que não está definido, demarcado e delimitado como o da escola, instituição muito mais antiga e presente nas vivências sociais.

A identidade *complemento à escola* esteve presente apenas para a instituição museal, sendo essa uma identidade com a qual a organização pesquisada não se identifica. Entretanto, a organização assume a identidade de espaço de conteúdos. Essa ênfase em “conteúdos” do museu em detrimento de “objetos”, “mostras” ou “exposições” indica uma adaptação da linguagem museal à demanda dos professores por conteúdos trabalhados em sala de aula.

¹ Papel: “atribuição, função que se desempenha ou cumpre” (HOUAISS; VILLAR, 2001).

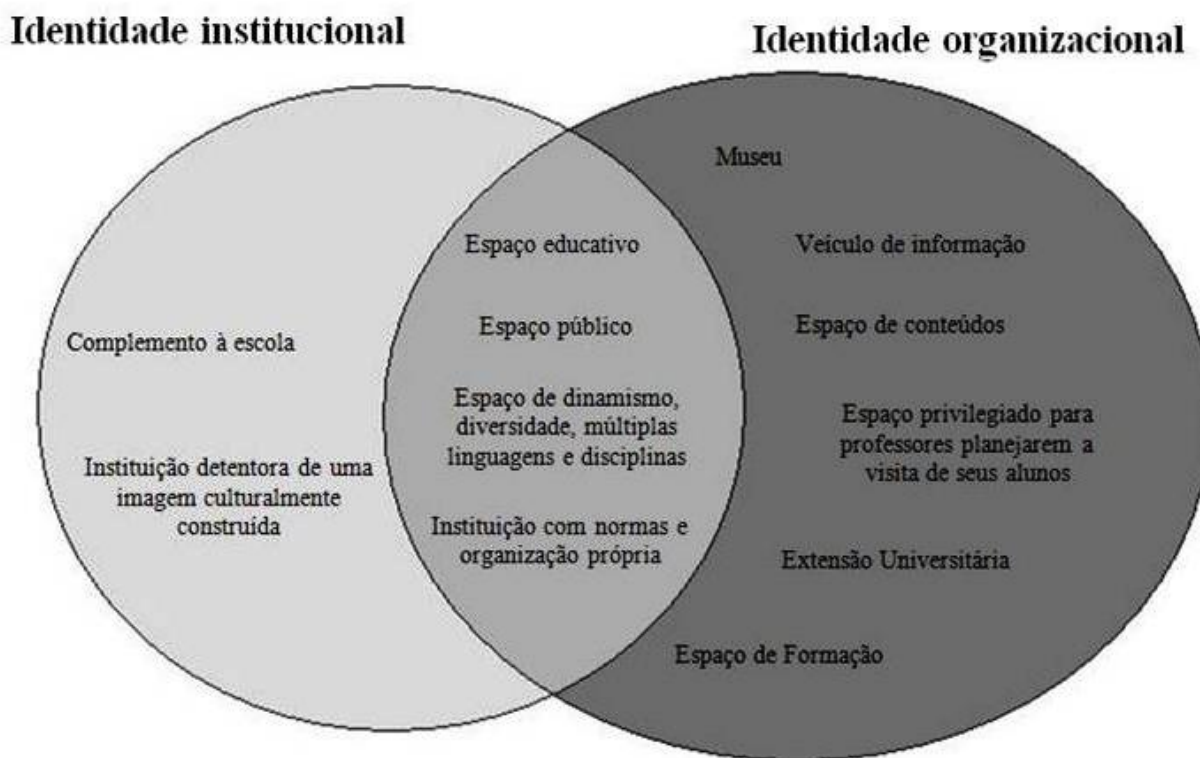
Nesse sentido, apesar de não assumir a identidade de complemento à escola, a organização incorpora e se adapta aos métodos da escola. Essa incorporação parece fruto da repercussão da abertura do museu para o diálogo com a escola, buscando uma aproximação.

Identidades organizacionais assumidas, como *veículo de informação*, *extensão universitária* e *espaço de formação* reforçam o papel social das ações do museu. Além disso, a identidade *extensão universitária* aproxima a organização de sua identidade universitária.

A identidade organizacional *espaço privilegiado para professores planejarem a visita de seus alunos* reflete o museu como um espaço aberto para a entrada do professor, garantindo a ele autonomia para planejar a ação educativa. Assim, talvez utilize essa estratégia para aproximar o professor do museu e buscar, a partir daí, uma parceria educativa.

A identidade institucional *instituição detentora de uma imagem culturalmente construída* indica que organização pesquisada considera que cada professor possui uma imagem para a instituição museu, o que reflete sua preocupação em entender e desmistificar certas imagens apresentadas pelos professores. A busca por essa desmistificação representa a tensão existente entre museu e escola, em que o museu busca constantemente demarcar para a escola as distinções entre eles e reforçar a identidade educativa museal.

Diagrama 1: Identidades institucional e organizacional para o museu pesquisado



O diagrama 2 apresenta os papéis encontrados para os contextos organizacional e institucional. Papéis compartilhados pela instituição e pela organização, além dos atribuídos exclusivamente à instituição - *estimular o interesse do público pelas ciências, promover aprendizagem, oferecer recursos aos professores e/ou alunos, desenvolver projetos científicos para públicos escolares e atender para uma formação continuada dos diversos públicos* apresentam o público como principal alvo das ações museais. Todos esses papéis estiveram mais próximos das funções mais recentes assumidas pela instituição, relacionadas a uma intensificação da relação com o público e a uma concepção de museu como centro difusor e comunicador (FERNÁNDEZ, 1993), em lugar do museu conservatório de objetos. As atribuições também aparecem desvinculadas das funções convencionais do museu de colecionar, preservar, exibir, entre outras (FERNÁNDEZ, 1993).

Papéis vinculados a funções convencionais da instituição museu, como *pesquisar, expor e preservar o patrimônio* apareceram exclusivamente como papéis da organização pesquisada. Assim, a ênfase a essas funções não foi dada à instituição. Desse modo, funções básicas de preservar e investigar, que se mantêm como princípio de identidade da instituição museal (CHAGAS, 1994), não foram atribuídas à instituição e estiveram junto a outras funções da organização, a outros papéis, “diluídos” entre os demais, que na maior parte das vezes se referiam à atuação junto ao público.

Complementar atividades escolares foi um papel assumido pela organização, que tem procurado se adequar a demandas dos professores. Entretanto, quando essa questão complementar é abordada como uma característica identitária, ela é negada pela organização. Assim, a instituição reconhece que atua complementando as atividades escolares, mas não se reconhece como uma organização fundamentalmente complementar à escola. Além disso, quando “ser complementar” é um aspecto identitário, é visto de modo negativo, mas quando faz parte do campo amplo de atividades realizadas pelo museu, é assumido de forma positiva e explícita, como no papel *adaptar as visitas ao planejamento da escola e/ou professores*.

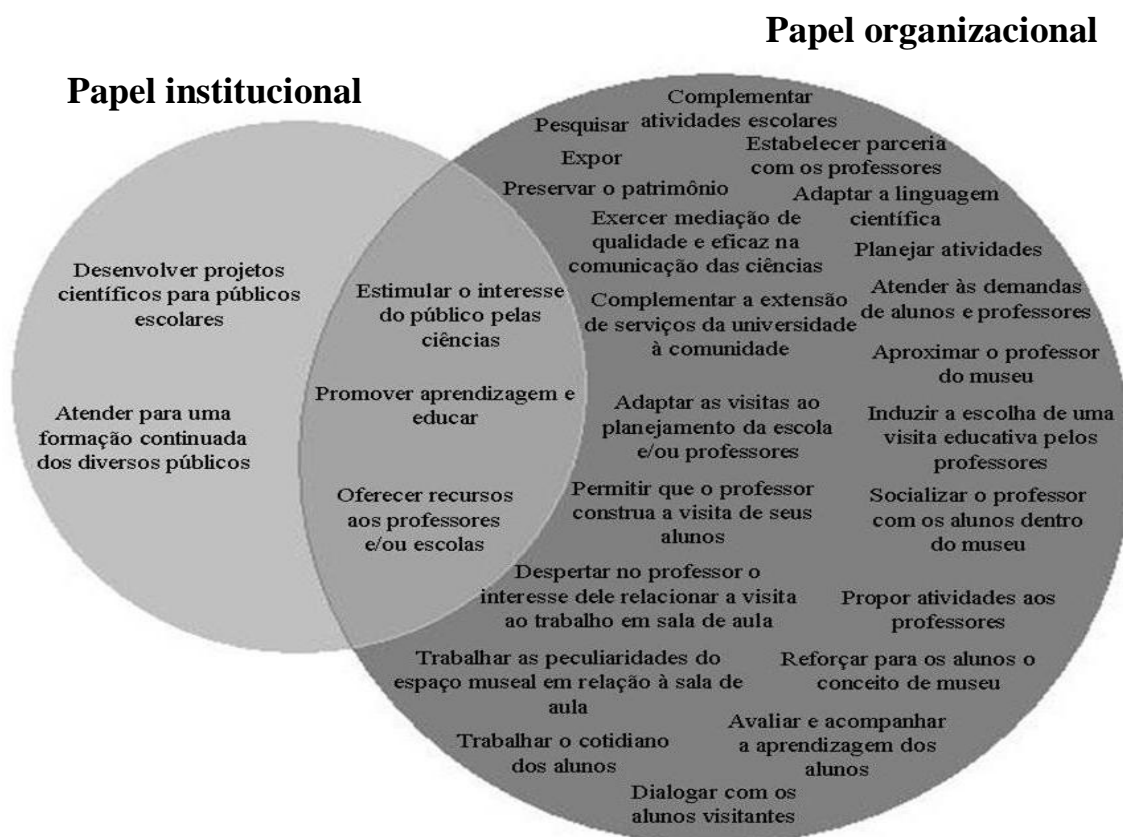
Papéis como *adaptar a linguagem científica e exercer mediação de qualidade e eficaz na comunicação das ciências*, que se referem à função comunicativa do museu, foram assumidos exclusivamente pela organização.

Diversos papéis demonstram também a intenção de aproximação com o público, principalmente o escolar, como: *propor atividades aos professores; despertar no professor o interesse dele relacionar a visita ao trabalho em sala de aula; permitir que o professor construa a visita de seus alunos*, entre outros. Esses papéis refletem como a relação com a escola é cara ao museu pesquisado, e esse se caracteriza como um grupo de interesse para parceria na ação educativa museal.

Papéis como *trabalhar as peculiaridades do espaço museal em relação à sala de aula e reforçar para os alunos o conceito de museu* indicam a necessidade de ratificar a identidade educativa da organização, demarcando as características peculiares da educação museal em relação à escolar. Nesse sentido, é possível perceber que esse museu ultrapassou o que Lopes (1991) considerava em seu trabalho como uma incompreensão, por parte dos museus, de que sua proposta educativa é diferente da proposta da escola. De diversas formas, esse museu busca enfatizar, para si e para seu público escolar, suas peculiaridades educativas em relação à escola.

O papel *avaliar e acompanhar a aprendizagem dos alunos*, entretanto, incorpora à educação museal a forma escolar de avaliar aprendizagens. Assim, a avaliação e o acompanhamento serviriam como indicador de que a ação do museu é mesmo “educativa”, no sentido de ter gerado aprendizagem.

Diagrama 2: Papéis institucionais e organizacionais e suas interseções



4. Considerações finais

As propostas museais pesquisadas demonstram a busca da organização por uma aproximação com seu público, principalmente o escolar, além da ênfase do aspecto social da instituição museal. As identidades compartilhadas por instituição e organização – *espaço público; espaço educativo; espaço de dinamismo, diversidade, múltiplas linguagens e disciplinas e instituição com normas e organização próprias* - retratam a ênfase no caráter social do museu, a busca pela aproximação com o público e a assunção de uma identidade educativa que se permite experimentar, mudar, adaptar, na tentativa de estabelecer seu lugar na relação com o público, especialmente na relação museu-escola.

Apesar de ter ultrapassado uma possível incompreensão de que sua proposta educativa é diferente da proposta da escola, buscando desmistificar o museu como complemento e ilustração de conteúdos escolares e enfatizar essas diferenças principalmente para o público escolar – alunos e professores – o museu pesquisado ainda utiliza práticas educativas escolarizadas na relação com a escola, como avaliar aprendizagens, apresentar seu conteúdo, adaptar as visitas ao planejamento dos professores, complementar atividades escolares. Esses aspectos evidenciam as tensões envolvidas na busca do museu por encontrar seu papel educativo na relação com a escola, pois, apesar de procurar ressaltar, para si e para seu público escolar, suas peculiaridades educativas, age de acordo com modelos educativos escolares. Essa *escolarização* das práticas museais facilita, entretanto, sua aproximação com a escola, seu principal público.

Se avaliarmos escola e museu como instituições, como sistemas de padrões sociais relevantes observados pela sociedade, a escola apresenta-se como uma instituição mais antiga

do que o museu, com identidades e papéis mais bem definidos, vide propostas curriculares de âmbitos dos mais diversos, filtros de público determinados conforme faixa-etária, seriação, sistemas de avaliação, entre outros aspectos. O museu, por outro lado, ainda busca pela definição de seus papéis e identidades, haja vista que no presente ainda existem discussões que resultam em mudanças sobre as formas de conceber a instituição. Assumir uma identidade educativa demanda não apenas saber lidar com seu público amplo, sem filtros de entrada como o escolar, mas também buscar respostas para a questão: “O que é educar no museu?”. Será ensinar como a escola?

A visão cultural que reconhece a educação nos padrões do modelo escolar e da escolarização tenciona ainda mais as discussões e ações do museu em busca de respostas.

O museu demanda para si uma nova posição na relação com a escola. Não quer mais permanecer em um lugar passivo de ser utilizado pela escola. Quer um protagonismo. Assim, começa a propor atividades, cursos de formação para professores, e outras estratégias que permitam alterar sua posição de mero receptor para instituição que partilha o poder de formar e educar com a escola.

As identidades e papéis de museu explicitados na política do museu de ciência pesquisado retratam a busca de aproximação com o público, especialmente o escolar, e de estratégias que delimitem caminhos para reforçar uma identidade educativa.

É preciso atentar, contudo, para as limitações deste trabalho, que pesquisou as políticas apenas de um museu. Assim, não é possível fazer generalizações no sentido de ampliar as identidades e papéis assumidos por esse museu para outras organizações museais. O resultado deste trabalho indica algumas reflexões que podem auxiliar nas discussões sobre a relação entre museu e escola e na elaboração de novas perguntas de pesquisa no contexto da educação científica em espaços não escolares.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2009.

CABRAL, M. Parcerias em educação e museus. São Paulo: Conselho Internacional de Museus. **ICOM**, 2005. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/Parcerias%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Museus.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2010.

CARDOSO, O. O. Comunicação empresarial versus comunicação organizacional: novos desafios teóricos. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 6, p. 1123-1144, 2006.

CHAGAS, M. No museu com a turma do Charlie Brown. **Cadernos de Museologia**, n. 2, 1994, p. 49-65.

CHAUÍ, M. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 24, p. 5-15, 2003.

CORLEY, K. G. et al. Guiding organizational identity through aged adolescence. **Journal of Management Inquiry**, v. 15, n. 2, p. 85-99, 2006.

DELSASSO, H. A Era das instituições como agentes do desenvolvimento. **Conselho Federal de Economia**, Brasília, out. 2006. Colunistas. Disponível em: <http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=356&Itemid=102>. Acesso em: 06 fev. 2010.

DELSASSO, H. A Instituições: missão. **Conselho Federal de Economia**, Brasília, out. 2007. Colunistas. Disponível em: <http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1101&Itemid=104>. Acesso em: 06 fev. 2010.

FERNÁNDEZ, L. A. *Museología: introducción a la teoría y practica del museo*. Madrid: Ediciones Istmo, 1993.

GARAY, L. A questão institucional da educação e as escolas: conceitos e reflexões. In: BUTELMAN, I. (org.). **Pensando as instituições: teorias e práticas em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 109-136.

GIOIA, D. A. The identity of organizations. In: WHETTEN, D. A.; GODFREY, P. C. **Identity in organizations: building theory through conversations**. [S.I]: Sage Publications, 1998. p. 33-80.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KÖPTCKE, L. S. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. In: **Cadernos do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa do museu**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2001/ 2002, p.16-25.

KÖPTCKE, L. S. Parceria museu e escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (orgs.). **Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 107-128.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Educação & Sociedade**. Campinas, n. 40, p. 443-455, 1991.

MARANDINO, M. Interfaces na relação museu-escola. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**. Florianópolis, v.18, n.1, p.85-100, 2001.

NASCIMENTO, S.S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPq, 2005, p. 221-239.

PEREIRA J. S. et al. **Escola e museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.

SIMAN, L. M. C. Práticas culturais e práticas educativas, especificidades e aproximações: contribuições para reflexão a partir do projeto Museu e Escola da UFMG. In: **Anais dos Seminários de Capacitação Museológica**. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004.

VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C. (orgs.). **Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 21-45.

VALENTE, M. E. A. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970**. 276 p. Tese (doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VAN-PAET, M.; POU CET, B. Les Musées, lieux de contre-éducation et de partenariat avec l'école. **Education et Pédagogie**, n.16, p. 1-7, 1992.

WHETTEN, D. A.; MACHEY, A. A social actor conception of organizational identity and its implications for the study of organizational reputation. **Business & Society**, v. 41, n. 4, p. 393-414, 2002.